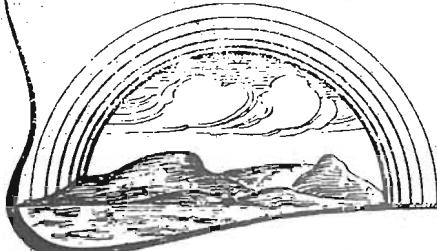


FLORIANÓPOLIS, 11 de Janeiro de 1925



O IRIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: SALA DAS CONFERENCIAS DA CATHEDRAL
A RUA PADRE MIGUELINHO

ANNO I
NÚMERO 14

JORNAL LITERARIO
E
INSTRUCTIVO
DIRECTOR A: Edesia Aducci
GERENTE: Heitor Faria
REDACTORES. Diversos

D. Innocencio Engelke, O. F. M.

Como já contámos aos nossos leitores, sagrou-se, a 12 de dezembro, na Catedral de Curitiba, cidade em que residia, o exmo e rev no. sr. D. Innocencio Engelke, filho deste Estado, ao mesmo tempo que membro illustre da benemerita e veneranda Ordem Franciscana.

E' com o maximo prazer que abrimos em nossas colunas espaço para a descrição e notas *infra*, obtidas de uma nossa ilustre correspondente, bem como da imprensa daquelle Estado:

No dia 12 de Dezembro, na Igreja dos Franciscanos de Curitiba, recebeu a sagradação episcopal das mãos do Exm. Sr. Bispo Diocesano, D. João Braga, um illustre filho da terra catarinense, D. Innocencio Engelke, membro da Ordem Franciscana. A solennidade começou ás 8 horas, deante de uma verdadeira multidão que seguia attenta durante mais de tres horas a beleza das ceremonias liturgicas. Mas não era, como só acontecer em se melhantes ocasiões, uma multidão de simples curiosos, não; eram em primeiro logar as Filhas de Maria, que D. Innocencio por tantos annos, paternalmente, dirigira, e que, com os seus vénos de neve, enchiam de encanto o recinto sagrado; eram os numeroso; membros do Apostolado da Oração, fundado pelo zelo do novo Bispo; eram os Irmãos e Irmãs da Ordem Terceira, da qual elle por 6 annos fôra Director; eram Religiosas de varias Congregações; eram os Congregados de Maria, para os quaes D. Innocencio era todo solicitude; eram 80 alunos do Colégio Seraphico do Rio Negro, do qual S. Exa. fôra o primeiro alumno, quando o Colégio estava ainda em Blumenau; eram, finalmente, seus numerosos amigos e admiradores, que seguiam todos com santo interesse o esplendor da liturgia.

E lá bem perto do altar estava o exmo. Sr. Presidente do Estado, membro da Ordem Terceira, com seu Ajudante de ordens, e o

Exmo. Sr. Chefe de Policia. Mas Joinville, aos 11 de Março de uma das mais bellas notas da festa 1881. Com 17 annos de idade era, por certo, o crescido numero vestiu o burel franciscano, sendo de sacerdotes presentes, que formavam bem mecidicrôa ao redor do novo Prelado Franciscano: Capuchinhos, Lazaristas, Passionis- tas, Padres do Coração de Maria, la Gratuita de S. José, em Petrópolis, donde foi removido como Guardião para o Convento de Cu-

Nasceu D. Frei Innocencio em Joinville a 11 de Março de 1881. Paes: Capitão Guilherme Engelke (da guarda nacional, e por diversos annos funcionario estadoal) e D. Emma Engelke.

Em 1886 a familia mudou-se para Blumenau onde Frei Innocencio estudou os seus preparatorios no Collegio S. Antonio. Em 13 de Março de 1898 fez-se Franciscano.

Logo depois do noviciado foi preencher una vaga de professor no Gymnasio de Lages (S. Catharina). Depois de tres annos voltou para Blumenau para cursar as Faculdades de Philosophia e Theologia.

Em 31 de Janeiro de 1907 foi ordenado sacerdote em Blumenau, e em Fevereiro do mesmo anno foi enviado para Petrópolis (Rio), onde durante dez annos consagrhou, no Collegio S. José, toda a sua actividade á educação da juventude como ainda á cura d's almas.

O Capítulo Provincial de Janeiro de 1907 confiou-lhe o espinhoso cargo de Guardião do Convento Bom Jesus de Curitiba e bem assim de Director das Escolas Annexas ao dito Convento.

Reeleito Superior em Janeiro de 1920. — No capitulo Prov. de 1923 — eleito Definidor Provincial — continuando como Director das Escolas.

Exerceu portanto o professorado durante 22 annos, sendo além disso durante os 8 annos ultimos director de diversas irmandades: Ordem III, Apostolado e Filhas de Maria.

Em 4 de Julho deste anno foi pelo S. Padre Pio XI nomeado Bispo coadjutor de Campanha, com direito de successão.

— «» —

Palestras familiares

A D. Innocencio Engelke.

Orvalhada de lagrimas saudosas, mal cahira a campa sobre os preciosos restos de D. Eduardo D. Silva, o pranteado bispo de Ubatuba, e já Santa Catharina sente-

Homenagem dos Catarinenses



D. INNOCENCIO, Bispo coadjutor de Campanha

lantes do illustre clero secular. As significativas e multiplas cerimônias do ritual obedeciam á direcção de tres ceremonarios. Um dos momentos mais tocantes foi, sem dúvida, quando D. Innocencio, re-

vestido pela primeira vez com as insignias de sua nova dignidade, passou por entre a compacta multidão, abençando-a, enquanto pelas abobadas do templo resoava, majestoso, o *Te Deum*. Durante o dia afôra houve uma verdadeira romaria á portaria do Convento de Curitiba, cargo que ocupou durante 6 fructuosos annos.

Pode-se dizer que a actual vida religiosa de Curitiba é devida, em grande parte, ao fervor apostólico de D. Innocencio.

Definidor Provincial, Director e professor na Escola dos Franciscanos, com os outros cargos, que acima ficar m referidos, veiu encontrar o a honrosa nomeação, a que elle procurou, de todos os modos, resistir, só vencido pela obediencia.

Ad multos annos!

Da imprensa de Curitiba extraihemos ainda as seguintes notas:

— Nasceu D. Innocencio em

se justamente orgulhosa com a honra, que é sua, porque se refere á pessoa de um outro seu ilustre filho — a sagradação de D. Innocencio Engelke, religioso franciscano.

Foi Curityba, entretanto, que teve a honra de presenciar a imponencia do memorável acto, a ella couberam as primícias da benção episcopal do bispº catharinense; nós quem sabem se a receberemos alguma vez?

E que D. Innocencio não podia fazer exceção ao phenômeno que se observa no pequeno, mas glorioso numero de sacerdotes catharinenses nascidos aos bejos das auras marinhas, acalentados nos braços de piedosas mães, que no espirito infantil lhes inocularam o germen da vocação, bebendo a largos haustos o oxigénio de nossos campos, o cuiado afifeito à musica suave das vagas, e a lyra afinada na poesia do oiro-azul do céo catharinense, eis os intelligencias privilegiadas, atíacos de zelo, ministros do Altissimo; mas então já a terra-berço é mesquinha denials á estensão de sua actividade; o céo, o bello céo de suas inspirações, parece abafar os surtos do genio, e, elles, aguias altaneiras, levantam o voo ei demanda das planícies apostolicas e vão mais além assentando-nos pincaros da gloria!...

Nem repararam siquer que atrás lhes ficaram uberrimas campinas, esperando só a mão do lavrador para produzirem a mais abundante colheita; nem viram, nas ondulações caprichosas de nossas montanhas, bem legitimos pedestres onde o genio e a gloria podem assentar-se sem deserto...

Mas, perdõe-me D. Innocencio, bem sei eu que, filho da obediência, não podia ser outro o vosso itinerario, simão este que, em razão de vosso proficuo apóstolado, uniu-vos com os fortes laços dum profundo affecto a esse nosso povo irmão; e, embora vos acenasse os encantos do berço natal, cumpria dar á formosa e católica Curityba, testemunha e fruidora de vosso zelo, o espetáculo grandioso de vossa sagradação episcopal.

Entretanto, haveis de receber carinhosamente a manifestação de vossos conterraneos na dedicatória de seu pequenino organo da Imprensa!

Entretanto, no abraço de nossa caridade episcopal, haveis de, goso, aconchegar ao coação este povo que é bem vosso, e que, com o jubilo mais desinteressado, entoá cominoce o Te Deum!

Entretanto haveis de ouvir complacente as nossas felicitações com os votos que fazemos por que Deus abra os mananciés de suas bençãos, com elas aliofrando a

maravilhosa senda da vida episopal!

E, assim, não desdenhareis por certo a mais humilde das homenagens deste que, genuflexo, beija vosso sagrado anel, orgulhando-se de ser obscuro conterraneo,

Tapajós-mirim

Generosos corações de mulher

Disse muito bem Alvarenga Fonseca «que herdámos de nossos maiores, os portugueses, o hábito da convivida em família ou com amigos íntimos, para ver passar á meia noite, a hora do Nascimento do Deus Menino, alegremente, por entre bebidas e comidas, preces e risos, muito mais significativos que os «bonbons» e os doces finos do «re eillon» dos franceses... E em todas as casas, da mais rica á mais pobre, o sentimento que une os corações das criaturas que, juntas, rezam, comem, brincam, conversam, até ás vezes, cantam é o mesmo — é o de amizade, sincera e pura, que os trouxe, amigos, até alli, e que certamente os conduzirá, pela vida afora.

Felizes os que têm familia, felizes os que têm amigos!

Felizes os que podem ir aos templos orar!

Lembrando esses, porém, não podemos esquecer os desherdados da sorte, os que não têm nem o encinhego de um lar nem o calor vivificador de um peito amigo, junto do qual, em horas de amargo, possam desabafar, procurar um conselho, ouvir uma opinião... Pensamos nos que estão receusos, nos que estão presos, nos estabelecimentos disciplinares de correção, sem familia e sem amigos, presos em nome da sociedade, porque offendem á lei, porque se apoderaram, por qualquer forma, do que lhes não pertencia, porque feriram a outrem ou porque injuraram a alguém...

Quem sabe se, na maioria dos casos, não é a mesma sociedade, que tão severa se mostra em punir os que delinquem, quem sabe se não é ella a grande responsável, a grande criminoso, a grande culpada dos actos deles homens?

Em regra, a verdade é esta — não se deve culpar a arvore que cae, mas o vento que a tombou.

Aos presos recolhidos á Cadeia Pública da nossa capital, porém, não passa despercebido o nascimento de Jesus.

Todos os annos a Associação das Damas de Caridade vae áquelle presidio levar boas festas do Natal aos detentos, oferecer-lhes lauta mesa de doce e distribuir

largamente, pelas celas, cigarros e bonbons.

Ainda domingo ultimo a piedosa Associação levou a efecto essa tocante festa, que se revestiu de solemnidades religiosas.

A's 10 horas o sr. Bispo Diocesano, num gesto de significativa bondade, rezou missa em bello altar armado no corredor separativo das prisões. Era para commover o ar contrito, o semblante arrependido dos criminosos que, de cabeça descabida sobre o peito, imploravam a Deus a remissão de seus crimes. A banda da Força Pública, executando varios trechos de bona musica, ainda mais realçava a santidade daquella cerimonia. Fim o officio divino, dirigiram-se todos ao salão das refeições, onde lauta mesa de doces esperava os condenados. Estes, timidos, attonitos de tanta generosidade, foram, aos poucos, acanhadamente procurando seus lugares. Uma vez sentados todos os presos, as senhoras e senhoritas presentes iniciaram, com carinho, a distribuição dos doces.

Accordes lentos de sentida valsa ressoaram pela sala. Alguns dos criminosos, não suportando mais a commoção, choravam.

Eram lagrimas de gratidão. Aproximei-me de um dos presos.

— Porque chora?

— Nem sei porque choro.

— Estás triste?

— Um condenado é sempre um homem triste. Mas eu choro por ver que lá fóra no mundo há gente que sem ódios se lembra de nós.

Nisto passou proximo uma esbelta dama, muito empenhada em bem servir a todos. O preso seguiu a com os olhos.

— Cenhece a?

— Sim. É um generoso coração posto na terra por Deus para nos aliviar os pezares.

— Então essa e as outras senhoras vêm sempre aqui?

— Quasi todas, as semanas. E nos trazem cigarros e outras lembranças. Conversam connosco, dão-nos conselhos, e, quando saem, nos deixam com o coração mais tranquillo, com a alma mais purificada. Aquela senhora que passou há pouco, até um dia destes, não só banhou como cortou os cabellos e aparou as unhas de uma pobre louca retida numa das prisões.

Não insistimos mais. Estavamos commovidos diante de tanta generosidade.

Continuauem na vossa bendita cruzada, sublimes damas da Associação de Caridade. Para vós a gratidão dos que soffrem e a admiração respeitosa de nós outros que vivemos satisfeitos com a vida!

Continuauem, piedosas damas. Que

vos beijem os anjos as mãos generosas; que se abram para vós, uma por uma, as portas do céo!

XXX

Iriptyco

E sôror Maria Carmen, á luz bruxoleante de uma lampada a óleo, em uma cella fracamente iluminada, vae percorrendo, com seus dedos finos e envelhecidos, as contas roxas do seu rosário de tristezas...

O que fôra, o que era e o que seria... Passado... Presente... Futuro...

No parque do castello dos Bourbon, ella é um passaro saltitante por entre a vasta alameda de cerejeiras floridas. A manhã é doitada. Um lago azul reflecte a sua imagem de nenuphar...

Subitamente, uma nuvem enegrece a paisagem. O lago levanta-se enfurecido, a arremessar-se contra suas margens, numa ansia de liberdade...

O castello ruiu! Tudo mudou!... Já não perpassam pelos vastos salões as cabelleiras empoadas das avós e desapareceu a sonoridade do nobre minuete.

Ivette de Bourbon só, no immenso jardim da Felicidade destruído pela tempestade da Morte, procura abrigo nos muros austeros e cobertos de hera, de um convento de freiras.

Faz-se noviça... E sôror Maria Carmen.

E naquelle momento de extase, na solidão de uma cella, vê, atravez de uma cortina de lagrimas que lhe embaciam o olhar, o louco movimento do mundo e ouve muito longe o murmúrio das vozes!... Sente-se feliz, muito feliz... Mas... que será depois?

NOTAS E NOVAS

—Um corpo inerte, em fria sepultura, desprezado e carcomido por vermes; mas, além, sua alma serena repousa em Deus.

A sua vida foi um sorriso de esperança, uma lagrima de tristeza e um suspiro de saudade.

Morte de Lazzaro.

—o—

Mais um anno

Que dventuras não nos desejamos mutuamente, ao despontar a aurora de um novo anno!

Ao desaparecer, cabisbaixo, o anno velho, já a esperança nos enfora novamente a vida, fazendo esquecer, com por encanto, o que sofremos nesse anno que mergulhou para sempre nas brumas do passado...

A esperança é uma grande virtude, por isso não vos censuro, mas até vos louvo, por lhe dardes guarida em vosso coração; mas, antes de entrarmos no anno novo, devíramos todos passar pela memoria o que fizemos e o que deixámos de fazer, para sabermos si estamos no bon ou no mau caminho.

Quem, assim fazendo, não desejará tornar-se melhor, principamente si não tiver trilhado o recto caminho do dever?

Só aquelle que *finge* acreditar que, com a morte, tudo acaba, só esse insensato vae amontoando dividas sobre dividas até rolar inesperadamente no abysmo...

O' vós, que tendes fé, lembrae-vos sempre de que o tempo perdido não volta mais, e aproveitae-o no cumprimento do dever, na prática do bem.

Mais um anno nas sombras do passado... um anno de menos na existencia de cada um...

Desejamo-nos felicidades, mas sabemos procurar as verdadeiras?

Infelizmente muita gente há que faz consistir a sua felicidade nos gosos passageiros da terra, como si nelles encontrassem a verdadeira paz do coração, fonte e origem da felicidade.

Não é o que satisfaz todos os seus caprichos que é feliz, mas aquelle que cumpre exactamente todos os deveres de christão, preferindo a paz da consciencia á satisfação de suas paixões.

Não nos julguemos infelizes, pois, si não formos ricos, si não correr tudo á medida dos nossos desejos, si os desgostos e contrariedades nos acabrunham a existencia.

Bemaventurados os pobres de

Com a devida **Anno Santo** venia transcrevermos do «Jornal do Commercio», do Rio de Janeiro, edição de 25 de dezembro, a saudação e bençam apostolica por Sua Santidade o Papa Pio XI dirigidas ao Povo Brasileiro:

«Com a mais intensa alegria de nosso coração e com as mais exuberantes esperanças de graças extraordinarias para a glória de Deus e salvacão das almas e como pe-

nhar de bençães particulares sobre toda a Nação Brasileira, acabaress de saber que o seu generoso povo se prepara, com entusiasmo e verdadeiro espírito de piedade, para celebrar o proximo anno jubilar.

«Todos esses motivos valem por uma garantia de que os nossos votos serão cumpridos e hão de ser mais grandemente satisfeitos quanto maior fôr o numero desses nossos filhos que, durante o Anno Santo, nos for dado ver como peregrinos nesta Cidade Eterna.

«Entretanto, enviamos de coração a Bençam Apostolica a todo o Povo Brasileiro e, em modo particular, a todos os que trabalham activamente na organisação das proximas sagradas solenidades do Anno Santo.

«Dado no Vaticano, aos 23 de Outubro de 1924. (a) PIO XI, Papa.

Como sabem os nossos leitores, o Anno Santo começo a 24 de dezembro ultimo, com a cerimonia da abertura da porta santa da Basílica, bemaventurados os que choram, bemaventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, disse Nossa Senhor.

A paz da consciencia, sim, essa deveinos procurar a todo o transe, porque, sem ella, a vida sempre nos será sombria, ainda que nos rodeie o fausto e o ouro.

Não sabeis então que é muitas vezes mais feliz o pobre nos seus andrajos do que o rico nas suas sedas e velludos?...

Saibamos, portanto, compreender em que consiste a verdadeira felicidade, para que o anno de 1925 nos corra placido e sereno, e não nos esqueçamos da Patria querida, que viu entrar o novo anno sem ter conseguido reconquistar a almejada paz. Sim, pedimos a Deus que mude o coração dos homens, fazendo-os preferir a grandeza da patria á satisfação dos seus interesses pessoais, para que volte o socego aos lares, e, com elle, a felicidade da Nação!

Eunice Dagmar.

lica de São Pedro, em Roma, a que assistiram cardenais e bispos de todas as partes do mundo, a rainha Olga, o príncipe Christovalin, quatro princesas gregas e duas belgas, dignitarios da corte pontifical, membros da nobreza, diplomatas, e milhares e milhares de peregrinos vindos de todo o mundo.

Do «Estado de Exposição São Paulo»: Os representantes da

Missionaria imprensa nacional e estrangeira visitaram a Exposição das Missões, no Vaticano, na vespera da sua inauguração oficial. A impressão transada foi extraordinaria. Todos os povos do mundo, com os seus trajes caracteristicos, acham-se representados. São muitos interessantes as secções relativas às missões no interior do Brasil.

A Exposição é composta de seis grandes pavilhões, que contêm grandes e importantes colleções vindas de todas as partes do mundo, «parecendo, pela variedade dos objectos, uma verdadeira exposição internacional». O mesmo jornal informa que a Exposição Missionaria custou á Igreja mais de seis milhões de liras, o que prova, gloriosamente, o carinho que merecem á Igreja as obras de scienzia e civilisação.

Como nos anteriores, realizou-se, na **Cadeia**

deia, a 28 de dezembro ultimo, a Missa de Natal, celebrada por s. excia. o sr. Bispo. Apesar da escassez do tempo de que dispunham, as senhoras Damas de Caridade, com a boa vontade e actividade de que sabem dispor, ao lado de outras associações e pessoas prestimosas, preparam uma festa que, como podemos testemunhar, deixou gratissima impressão entre os presentes.

Como ponderou o Sr. Bispo, os presos não podem dizer, como de si dissera S. Paulo, certamente em tempos de menos generalizado fervor religioso: Na minha prisão, ninguém me assistiu; mas todos me abandonaram.»

No dia 25 de **Nova Matriz** dezembro, foi lançada, com solemnidade, a primeira pedra da nova Matriz ou igreja parochial de Orleans, de que é esforçado Vigario o revmo. Padre Guilherme Farinha da Silva. Deus dê forças ao referido sacerdote para levar a termo, dentro do menor prazo possível, um melhoramento de tan-

to alcance religioso-social para aquella prospera parochia sulina. Como é sabido, fei s. revma que realisou grandes melhoramentos na igreja Matriz de Itajahy, quando vigario naquella cidade, sem onerar, aliás, os bens patrimoniais da parochia.

Uir benemerito de Orleans é, sem dúvida alguma, o senhor major João Cardoso Bittencourt, que acaba de adquirir, pela elevada summa de 4000\$, um terreno, no melhor local daquella Villa, e doal-o á Mita da diocese, para nela ser construida a já iniciada igreja Matriz.

A S. S. não faltará, certamente, a gratidão do povo de Orleans.

Outros melhoramentos poderiam aqui referir, entre os quais estão, por exemplo, os por que vêm passando o interior da Matriz de Tubarão.

Posto que não tão **Communhão** concorrida como no anno passado, **de homens** realizou-se com regular assistência de homens e maior numero de senhoras a Comunhão do dia 1º. do anno, ministrada por s. excia. revma.

Precedeu o acto a Exposição Nocturna do Santíssimo, que correu com louvável piedade, firmando, de certo, uma tradição, que só inerece encomios pelos benefícios de piedade e religião, que hão de resultar para a nossa sociedade.

Nem se poderá inaugurar melhor o Anno Novo, do que, assim, sob as bençães directas e visita pessoal do proprio Deus.

28 de Dezembro, **A festa dos santos innocentes**, foi o dia das creanças do «Catecismo» que funcionava na Cathedral.

A's 8 horas uma estensa e branca fila de 74 creanças entravam solennemente pela porta principal do templo: era o inicio da tocante cerimonia da 1ª. comunhão. Tomados os logares com a maior ordem e renovadas as promessas do baptismo, começou a missa, durante a qual os canticos, acompanhados do orgam, succediam ás orações das creanças. A comunhão, o Revmo. Cura, com o seu conhecido senso pratico, dirigiu-se aos neo-commungantes, exhortando-os a reproduzirem frequentemente aquelle «dia mais feliz»; em seguida, vâgaros, recolhidos, quaes anjinhos, desfilaram os pequeninos ante o commungatorio, onde os labios innocentes se a-

briram, recebendo a sagrada partícula, e os coraçõesinhos, quase outras tantas lapinhas, abrigava-n'então a Jesus, a Amigo das crianças... Comovedor espetáculo que a ordem admirável fazia realçar! O tempo estava literalmente repleto de famílias e para mais de 300 crianças.

Após a missa foi servido café com doces em mesas dispostas na sala das conferências, onde a alegria transbordava, em ondas cristalinas, dos corações dos presentes eram estes os pais dídosos, que bem sabem compreender o alcance de tão importante acto; eram as catechistas, cujo amor á Santa causa fazem-nas dedicar todas as semanas uma tarde ao ensino do catecismo; era também o Révmo. Cura, alinhada dedicada daquella festa de alegria.

A's 13 horas houve distribuição de premios de frequencia aos alunos do catecismo; foram distribuidos 300 premios entre-brinquedos, livros, objectos de leitura, etc.

A's 6 1/2 os neo-commungantes consagraram-se ao Sagrado Coração e, após a benção do S.S., receberam as lembranças da 1ª. comunhão.

Parabens ao Révmo. Cura e a seus esforçados auxiliares.

— «O» —

Confissões de bom senso

Tendo, pois, Jesus Christo declarado que as portas do Inferno não prevaleceriam contra a sua Igreja, e não havendo outra Igreja que seja sua sinão a católica, é claro que ella merece todo o nosso respeito, que é extreme de erro em seu ensino, e irrepreensível em sua moral.

A gulosa

Comedia em 1 acto.

Adaptação de Edésia Aducci
D. Josephina, dona da casa.
Emma e Anna, suas filhas, de 10 e 12 annos.

Sophia, cozinheira.

Rosina, arrumadeira.

Joanna, copeira.

D. Eulalia.

Scena I.

Joanna só

JOANNA — (escovando uma saia ou vestido) As outras senhoras e seuhoritas querem por força seguir a moda, e até exagerar-a, mas a minha patrôa... Não há quem a faça deixar as saias compridas, tão compridas, que, quando chega dos seus passeios, a pobre da Joanna ou da Rosina tem serviço para muito tempo!... E o pó que entra na garganta da gente?... (Tosse) Ah,

Por isso, dissemos, como primeiro argumento, que a Igreja não errou porque não pode errar. Note-se, porém, que os próprios herejes, em momentos lúcidos, estão conmosco neste ponto. Foi o próprio Lutero que em 1518, em carta que devia ser enviada ao Papa, escrevia estas firmas palavras:

«Por issó, santisimo padre, prostró-me aos pés de vossa Santidade, a quem entrego a minha pessoa, tudo o que sou e tenho.

Vossa Santidade fará o que bem lhe aprouver: nas mãos de V. S. está o repellir ou defender a minha causa, dar-me ou negar-me razão, dar-me a vida ou tirar-m'a. Na voz de Possa Santidade reconheço a voz de Christo, que em vós fala e goverha». Em 1519 diziainda numa carta ao Papa: «Plenissimamente professo que o poder desta Igreja (romana) está acima de tudo: plenissime confiteor hujus Ecclesiae (Romanae) potestatem esse super omnia». Porque mudou o pseudo-reformador? Porque a voz do Papa, que era a voz de Christo, não pôde approvear o seu erro. Uma vez condannado, aquelle que tinha a voz de Christo não é senão o emissário do demônio, a Igreja a corrupta de Babilonia.

«O Papa, diz um mestre eminent, guarda infallivel da verdade, não podendo transigir com o erro, condemnou-o (a Lutero). O frade soberbo não teve a humildade de subinverter o seu juizo á autoridade daquelle a quem Christo confiara a missão de confirmar os seus irmãos na fé. *Inde Israel!* Mas os que lerem, de ânimo sereno, a Escritura, lá encontrarão, com referencia á Igreja católica, — «que é a columna e a firmeza da verdade».

E si é a firmeza, como pôde, solenne e oficialmente, debandar-se para o erro?

si houvesse por aqui algum torrão de assucar ou gulodice semelhante... Não só me regalaria, mas também havia de fazer muito bem á tósse. (Tosse) Quem sabe si não haverá alguma couça aqui no bolso. (Procura) Excelente idéa a minha! Pois não é que achei um pacotinho? (Tira-o e examina-o) Olé, balas de aniz! (Põe uma na boca) Isto há de tirar-me o pó da garganta! (Chamam de dentro: Joanna, Joana!) Paciencia! (Comendo e tossindo) Estou tossindo! Que há? (Esconde as balas no bolso)

Scena II

D. Josephina e Joanna

D. JOSEPHINA — Que estavas fazendo, Joanna, que estou há uma hora á espera do vestido, e tu ainda estás a escová-lo? Por que não respondeste logo que te chamei?

Nos Dominios da Espinge.

44) Logogripho.

Agora d'este rio sobre as aguas 8, 2, 10, 9
Eila, boiando, em meio da tormenta 12, 3, 13, 5
Leva conforto e leitivo ás marguas 13, 15, 4, 9
Unida ao Genio que seu brilho aumenta 12, 4, 17
Após, ligeira, corta a imensidão 5, 16, 12
Quando o sol foge, á hora da saudade 11, 9, 14, 6, 2

Navegador christão, descobre a fronte Dobra o joelho; a alma arrebata Exclama: — Salve, ó Patria abençoada, Solo fecundo, esplendido Horizonte!
Heloise

45-49) Charadas novíssimas.

A 2ª. pessoa tem uma viscosa na cidade — 1, 1.
Na igreja é forte o santo — 1, 3.
Estime a opulenta região — 2, 2.

Fernando Lindeos.

A nota, a nota, a nota... eis o dia passão — 1, 1, 1.
Elle é o mais alto aquima ilha — 2, 1.
Nára

50-51) Casais.

Nessa repartição vi um lóniem — 3.
Aquelle empregado fez a prateleira — 4.

A

Charada novíssima*

Nota ali e aqui um instrumento — 1, 1, 1.

*Reproduzida por ter sahido com um engano. Tendo sahido errada também a numeração dos problemas, no 13º numero do «Iris», pedimos aos bondosos charadistas o favor de considerar o ultimo problema, do n.º 12, como 35a. e o primeiro do n.º 13 com 35 b.

SOCIEDADE DE SORTEIOS

Economisadora Rural

Fiscalizada pelo Governo Federal

DEPARTAMENTO DE SANTA CATARINA

Premios mensaes no valor de 10:000\$000

CONTRIBUIÇÃO MENSAL 5\$000

Restituição integral no fim do contrato

Absoluta garantia de fiel cumprimento

então ter espiado si havia aqui dentro.

JOANNA — (interrompendo) Sim, si eu tivesse o costume de meter o nariz em toda a parte, ou si fosse muito gulosa...

D. JOSEPHINA — Parece que não és muito inimiga de gulodices, não, pois é preciso que a gente ande sempre a fazer-te recomendações.

JOANNA — A Sra. quer que eu procure as balas? (A parte) Não precisaria ir muito longe.

D. JOSEPHINA — Não, deixa; talvez estejam noutro bolso. Mas toma cuidado, Joanna! Lembra-te sempre de que algum dia pode sahir-te cara a gulodice!

JOANNA — Não teuha cuidado, D. Josephina; quando eu vir algum petisco, hei de imaginhar que é um remedio, e como os remedios são quasi sempre amargos...

D. JOSEPHINA — Bem, vamos

JOANNA — A Sra. não imagina que nuvem de pó me entrou na garganta, enquanto escovava o vestido!

A tossie foi tanta, senhora, que não pude responder logo!

D. JOSEPHINA — E ainda não estaré prompta a sair?

JOANNA — Penso que sim; a Sra. quer vestir-a?

D. JOSEPHINA — Quero, pois não estou disposta a vestir outro vestido, e preciso sahir.

JOANNA — Ei-l-a; parece que está bem limpa.

D. JOSEPHINA — (revistando o bolso) Penso ter deixado aqui no bolso um embrulhinho de balas, que teucionava levar para minhas sobrinhas.

Não o viste, Joanna?

JOANNA — (atrapalhada) Eu? Então a Sra. pensa que eu escovei também o bolso?

D. JOSEPHINA — Não podias